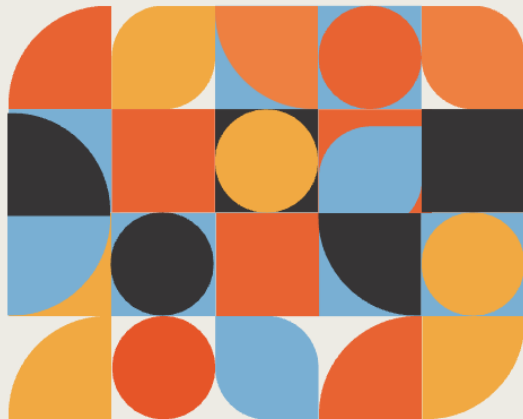




MEMÓRIA DA MODA CARNAVALESCA PERNAMBUCANA: UMA INTRODUÇÃO AO TEMA.

Memory of pernambucan carnival fashion: an introduction to the topic.

Vasconcelos, Isabella Karim Morais Ferreira de; Doutoranda em Design; Universidade Federal de Pernambuco, isabella.morais@ufpe.br¹

Barros, Simone Grace de; PhD em Design; Universidade Federal de Pernambuco, simone.grace@ufpe.br²

Resumo: Esta pesquisa investiga a relação entre moda, memória e o carnaval, no estado de Pernambuco, e as dinâmicas culturais e sociais dessa festividade. A partir de uma pesquisa bibliográfica, iconográfica e de história oral temática, foram coletados dados sobre a moda e carnaval no Estado, destacando a vivência e as memórias de Vera Lúcia Guimarães Cavalcanti, foliã pernambucana, nascida na década de 1960. O estudo reflete sobre como a memória feminina e coletiva da moda no carnaval, contribui para a construção de uma identidade cultural.

Palavras chave: memória coletiva; carnaval pernambucano; história oral

Abstract: This research investigates the relationship between fashion, memory, and Carnival in Pernambuco, Brazil, and the cultural and social dynamics of this festival. Through bibliographical, iconographic, and thematic oral history research, data on fashion and Carnival were collected, highlighting the experiences and memories of Vera Lúcia Guimarães Cavalcanti, a Pernambuco reveler born in the 1960s. The study reflects on how the feminine and collective memory of Carnival fashion contributes to the construction of a cultural identity.

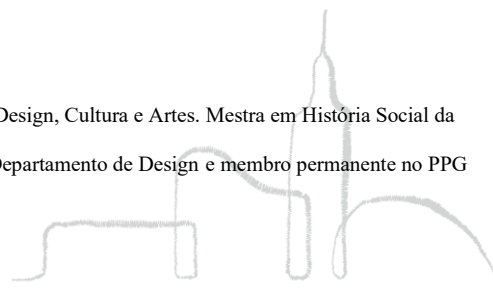
Keywords: collective memory; Pernambuco carnival; oral history

Para começo de história

Quando o diretor e roteirista Marcelo Gomes lançou, em 2019, o seu filme “Estou me guardando para quando o carnaval chegar”, documentando a história de alguns profissionais da indústria de confecções da cidade de Toritama,

¹ Doutoranda em design, pelo PPGDesign da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE na linha de pesquisa Design, Cultura e Artes. Mestra em História Social da Cultura Regional pela Universidade Federal Rural de Pernambuco.

² Doutora em Design e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora adjunta do Departamento de Design e membro permanente no PPG em Design da UFPE na linha de pesquisa Design, Cultura e Artes.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

que fica no agreste do Estado de Pernambuco, este bem que poderia ser o título da história da vida e memória da nossa entrevistada. Diferentemente do documentário, que aborda o trabalho exaustivo e extensivo dos trabalhadores da indústria da moda local, durante todo ano, para poderem folgar na época do carnaval e viajar para “praias paradisíacas”³, a história de vida pesquisada e retratada aqui é de uma mulher foliã que a vida inteira, praticamente, se guardava ao mesmo tempo em que se preparava para brincar o carnaval.

Este artigo trata sobre a moda e a memória em um dado contexto e um dado local: o carnaval no Estado de Pernambuco. É uma pesquisa de caráter incipiente, quase experimental, que pretende registrar o que teria sido moda no carnaval de outrora, constituindo assim algo que se possa chamar de uma memória da moda carnavalesca pernambucana.

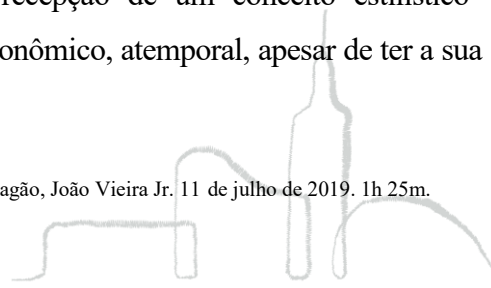
Por meio de pesquisa bibliográfica e iconográfica acerca da memória, moda e carnaval, buscamos neste estudo, com a metodologia da história oral temática - que é “a solução que mais se aproxima das expectativas acadêmicas” onde as “entrevistas não se sustentam sozinhas ou em versões únicas” (MEIHY E HOLANDA, 2013, p. 37) - e a realização de entrevista semiestruturada, coletar dados e sistematizar informações que levassem à introdução e, em alguma medida, a indução ao tema de uma memória da moda carnavalesca pernambucana.

A iconografia é útil, nesse como em outros casos, para identificar os modelos, seguir a sua evolução e perceber a quais grupos, a quais fases da vida e quais ocasiões correspondia um determinado modo de vestir. A combinação de fontes diferentes aumenta enormemente os conhecimentos sobre a história da indumentária e da moda. Se, por um lado, as fontes materiais são preciosas, porém muito raras, por outro, as fontes iconográficas e documentais são abundantes, assim como as fontes literárias, que, apesar de numerosas, ainda são pouco exploradas. (MUZZARELLI, 2008, p. 28)

O objetivo era identificar elementos e, de acordo com Montenegro (2010, p.13), “construir um quadro narrativo” por meio do registro das memórias individuais, mas também coletivas, sobre a moda em Pernambuco no contexto carnavalesco, introduzindo o tema a abrindo perspectivas para outros estudos, ou mesmo para a continuidade deste.

A moda, “não se deve pensá-la em termos de intuição e de recepção de um conceito estilístico” (SORCINELLI, 2008, p. 11). É um fenômeno “planetário”, cultural, social, econômico, atemporal, apesar de ter a sua

³ GOMES, Marcelo. Estou me guardando para quando o carnaval chegar. [Documentário]. Produção de Nara Aragão, João Vieira Jr. 11 de julho de 2019. 1h 25m.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

história normalmente contada cronologicamente. Svendsen (2010, p. 10) também define a moda como um “fenômeno” que, segundo o autor, “deveria ser central em nossas tentativas de compreender a nós mesmos em nossa situação histórica”.

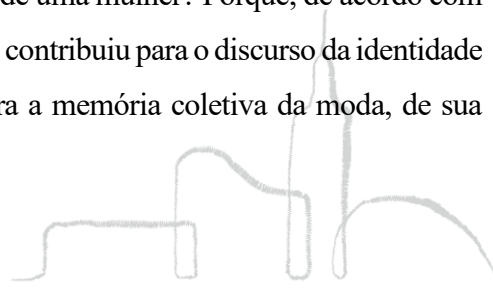
Em termos ainda de fenomenologia, por assim dizer, a moda, de acordo com Riello (2013, p. 09), “é um fenômeno através do qual se pode olhar e compreender a vida das pessoas”, de modo que a sua história, “torna-se assim história de modos, de comportamentos e ações cotidianas, não só de quem faz ou está na moda, mas de todos”. Daí a preferência da nossa pesquisa em buscar alguém entre esses “todos” cuja vida cotidiana e reminiscências particulares interessam e muito à construção de uma memória coletiva.

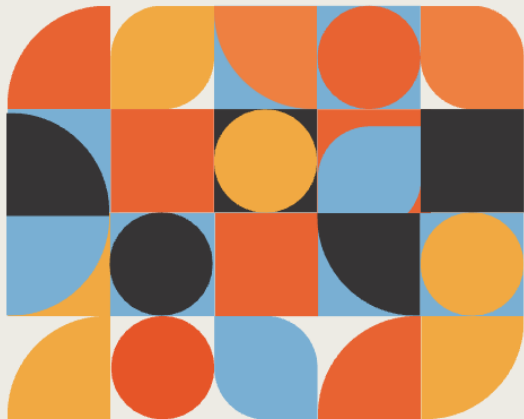
E por falar em memória, acreditamos no que diz Halbwachs (2003, p. 69) que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”. O autor explica que as razões para “distinguir” as duas memórias reside no fato da “tomada de empréstimo” que fazemos de uma memória que não é nossa, mas que aumenta a nossa própria “bagagem de lembranças” quando conversamos ou lemos registros diversos. Afinal, “a história de nossa vida faz parte da história geral” (HALBWACHS, 2003, P. 73)

Bosi (2003, p. 15) afirma que “a memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo”. A autora ainda reforça que a memória das pessoas mais velhas “pode ser trabalhada como um mediador” entre diferentes gerações, sendo um “intermediário informal da cultura”, transmitindo valores e outros pontos de vistas diferentes dos que são propagados pelos “mediadores formalizados”, tais como “escola, igreja, partido político”.

Com a indicação da estilista Márcia Lima, da marca de moda autoral pernambucana Período Fértil, cujo contato se estabeleceu durante uma pesquisa sobre a história da moda pernambucana, por meio da história de vida de alguns estilistas, foi possível chegar ao nome de Vera Lúcia Guimarães Cavalcanti. Foliã desde muito jovem, nascida na década de 1960, suas experiências, de muitas formas, a fazem ser uma referência quando o assunto é carnaval em Pernambuco. Suas vivências e memórias, apresentadas em parte mais adiante, corroboram sua presença nesta pesquisa.

Mas, e por que um enfoque sobre a memória feminina, ou a memória de uma mulher? Porque, de acordo com Scott (2011, p. 86) “a documentação da realidade histórica das mulheres ecoou e contribuiu para o discurso da identidade coletiva”. E o que se faz nessa pesquisa senão também uma contribuição para a memória coletiva da moda, de sua identidade no carnaval pernambucano?





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Em seu estudo, intitulado “Fotografia: Traços da História, da Memória e da Moda”, Merlo e Brandão (2013) afirmam que “muitas fotografias adquirem uma maturação imagética e semântica, com o passar do tempo”. Quando o tempo incide sobre determinadas fotografias, é possível perceber o valor da mantê-las, seja em “álbuns de família, coleções iconográficas, pois nosso presente-passado está subjugado à nossa memória.” No caso da nossa entrevistada, que relatou ter o hábito de fotografar “quando ninguém usava muito” câmeras ou aparelhos celulares, essa motivação fica ainda mais evidente. Principalmente porque além de produzir imagens, ela ainda as mantém em plataformas como o “flickr”, um site que armazena e partilha imagens, e que se assemelha a um “álbum” digital e on-line.

A fotografia oferece “um grande suporte à rememoração”, porque se trata de uma imagem, como argumentam Merlo e Brandão (2013, p.116), que “apresentam símbolos e representam indícios”. Deste modo, utilizaremos algumas fotografias como documentos “complementares” de registro, portadores de parte da memória individual de Vera Cavalcanti, que ilustram ainda um pedaço da memória coletiva pernambucana do carnaval, seus modos e suas modas.

Sábado de Zé Pereira⁴

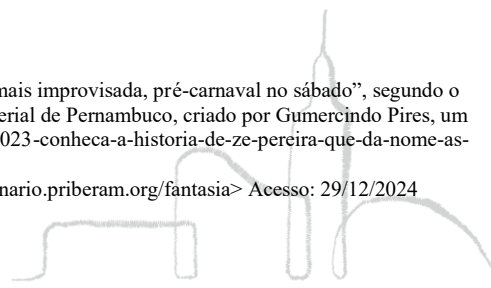
Uma roupa é um conjunto de pedaços confeccionados juntos para cobrir, enfeitar, valorizar as partes do corpo humano: mangas, corpetes, colarinhos, saias ou calças. [...] é a representação sintética e simultânea de muitos acontecimentos pessoais e coletivos, econômicos, sociais e políticos. É uma cunha fincada no corpo da história que permite, se manejada com competência e sensibilidade, nela penetrar e, a partir de seu interior, colher os elementos importantes de uma época e de um ambiente. (MUZZARELLI, 2008, p. 29)

Seriam as fantasias de carnaval esse conjunto de pedaços confeccionados para enfeitar, valorizar ou disfarçar partes do corpo humano? De acordo com o dicionário, “fantasia” é substantivo feminino, mas também é conjugação do verbo fantasiar. É roupa que “representa um traje típico de uma época, de uma profissão ou um objeto, um animal, uma personagem, uma figura, etc., usada sobretudo como disfarce em festas.”⁵

Entretanto, entendemos que, ao estudar a moda no carnaval, estamos nos atendo à moda no seu sentido mais abrangente. Portanto, nos interessa saber não apenas sobre as fantasias enquanto vestuário, mas sobre as motivações da

⁴ Seria o “nome de um português boêmio que sai às ruas fazendo barulho, chamando as pessoas para uma festa mais improvisada, pré-carnaval no sábado”, segundo o historiador Luiz Vinicius Maciel. É ainda o nome do primeiro boneco gigante do país, Patrimônio Cultural Imaterial de Pernambuco, criado por Gumerindo Pires, um artesão de Belém do São Francisco. Disponível em <<https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2024/02/6801023-conheca-a-historia-de-ze-pereira-que-da-nome-as-festas-de-sabado-de-carnaval.html>> Acesso: 07/01/25

⁵ “Fantasia”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2024, Disponível em <<https://dicionario.priberam.org/fantasia>> Acesso: 29/12/2024





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

sua concepção, de onde vinham suas matérias-primas, o impacto da sua circulação nos festejos da época e outras questões mais sociais e comportamentais.

Inclusive, porque ao pesquisarmos sobre o termo “moda” em alguns estudos sobre o carnaval em Pernambuco - frisando que não encontramos qualquer estudo cujo foco fosse histórico, memorialista ou o que quer que fosse dessa natureza, sobre “moda e memória” no carnaval, especialmente o carnaval pernambucano. Então, ao buscarmos a expressão “moda” em alguns estudos sobre o carnaval no Estado, verificamos a recorrência de expressões como “carnaval à moda europeia”⁶ ou “à moda do Carnaval de Veneza”⁷.

Tem-se passagens ainda mais extensas no que diz respeito a algumas “formas de se fazer carnaval”, como afirma Junior (2019, p. 189), quando se refere ao curso. O autor explica que o curso surge no Rio de Janeiro, em meados de 1900, sendo uma “espécie de desfile de carros que não tinha capota ocupados por pessoas que brincavam com outros carros e pedestres” e que se despopulariza mais adiante, até “desaparecer” por causa do “aumento do tráfego de veículos, custo da gasolina e a descentralização do carnaval.” O curso ainda foi uma das primeiras experiências que a nossa entrevistada teve com o carnaval, no final da década de 1960, em Garanhuns, quando o seu pai a levava para um clube, onde tinha uma orquestra de frevo. “Lembro disso: eu brincando na casa da gente, lá junto com as vacas, aí depois é que ele levava a gente de jipe para o curso, mas foi uma memória que não sai. (Vera CAVALCANTI, 2024)”⁸

“O Carnaval, da forma como é hoje conhecida, tem suas origens na mais remota antiguidade” explica Silva (2019, p. 34) mas não vamos voltar tão longe no passado. Delimita-se nesta pesquisa o recorte temporal da segunda metade do século XX, considerando a faixa etária da nossa entrevistada e as referências às quais tivemos acesso. Nos momentos em que houver alguma menção à períodos anteriores será apenas para esclarecimentos pontuais, como foi feito há pouco, em relação ao curso.

“Uma nova forma de brincar” o carnaval em Pernambuco, “à moda de Paris” também é pontuação feita no estudo “Civilizar para carnavalizar: propostas de um carnaval moderno em Pernambuco (1935-1985)” onde Vidal e Andrade (2009) mencionam que “o carnaval foi apropriado pelas elites políticas, grupos empresariais e sociedades letradas, como objeto instrumentalizador de uma identidade local/nacional nascente.”

⁶ GÓES, Fred. A construção do corpo brasileiro no Carnaval. DeSignis, n. 3, p. 69-80, 2002.

⁷ ARAÚJO, R.de C. B. de Festas: máscaras do tempo: entrudo, mascarada e frevo no carnaval do Recife. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1996.

⁸ Entrevista de pesquisa concedida em 16 de dezembro de 2024, na cidade de Olinda-PE.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

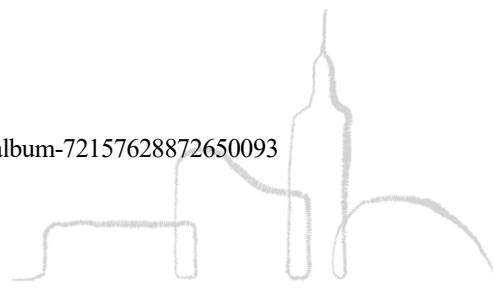
Por outro lado, nem só de moda “europeia” se fez o carnaval pernambucano. Silva (2009) traz em sua pesquisa “O carnaval na cadência dos sentidos: uma história sobre as representações das folias do recife entre 1910 e 1940” para além das menções sobre como as “fantasias e máscaras faziam quase sempre referência a personagens e fatos da história europeia” (p.51). O autor destaca que havia influência de modos americanos, observados por Gilberto Freyre, enquanto criticava um certo “desenraizamento” em prol da adoção de “modos de vida” cosmopolita. Também há uma menção a fantasia “à moda dos aborígenes”, que no caso seriam os caboclinhos, e ainda aos “costumes de uma corte africana em visita pomposa a outra” quando se refere aos maracatus e clubes negros.

Como se vê, o carnaval pernambucano, suas histórias e memórias remetem a infindáveis referências, uma amálgama de culturas diversas, e Vera Cavalcanti sabe muito bem disso. Antes de gravarmos a entrevista, enquanto nos conhecíamos, mas já falávamos sobre histórias de Carnaval, ela lembrou que algumas das suas fantasias foram montadas com objetos que trouxe de viagens do exterior. E, no seu álbum de fotografias, no flickr, um item específico chama atenção: uma sobrinha feita toda de renda. Segundo ela, foi comprada em um “camelô”, numa viagem que fez à Veneza, pensando mesmo no carnaval. Ver Figura 1:

Figura 1 - Vera vestida com saia e blusa feitas de renda renascença, feita por uma amiga. Fevereiro de 2012



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/raiosdeluz/6865155573/in/album-72157628872650093>





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Para Vera, o carnaval representa “uma grande celebração da vida”. É quando “você está alegre e todos ao redor estão”. É a liberdade que se manifesta através da dança e da música, como um “teatro da vida”. E como num teatro, ela diz, “você precisa de vários artefatos, então um deles é a roupa, é a fantasia, é o brilho, é o adereço, mas principalmente é a alegria de você encontrar amigos e fazer amigos.” E quem sabe desfazer namoros também. Brincadeiras à parte, é uma lembrança da própria Vera, que chegou a dizer “Deus, eu agora eu só vou namorar uma pessoa que goste de dançar, que goste de música, que goste de arte, porque senão me deixa só que eu vou farrear com os amigos.”

Antes de encontrar o seu parceiro de vida e de carnaval, Clovis Cavalcanti, Vera lembra que teve um namorado que, além de detestar carnaval, quando a acompanhava, ficava sério, parado, e claro, não trajava nenhuma roupa mais ou menos adequada à ocasião. Essa memória está registrada também na Figura 2, onde ele quase aparece, mas fica escondido atrás do estandarte, que Vera segurava porque tinha sido chamada, de última hora, para substituir a porta estandarte, que não tinha ido por alguma razão. Era o Bloco Língua Ferina, dos jornalistas. Todos estavam na Av. Conde da Boa Vista, e seguiam para a Praça do Diário de Pernambuco.

Figura 2 - Vera de porta estandarte no Bloco Língua Ferina, dos jornalistas, na Av. Cond. Da Boa Vista, a caminho da Praça do Diário de Pernambuco. Década de 1980.



Fonte: Acervo da entrevistada.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

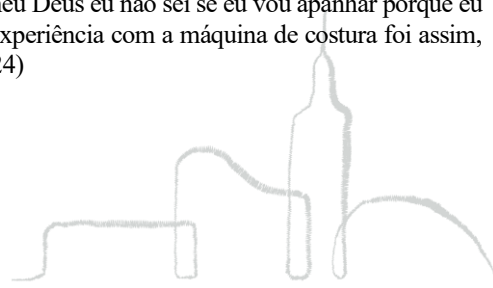
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

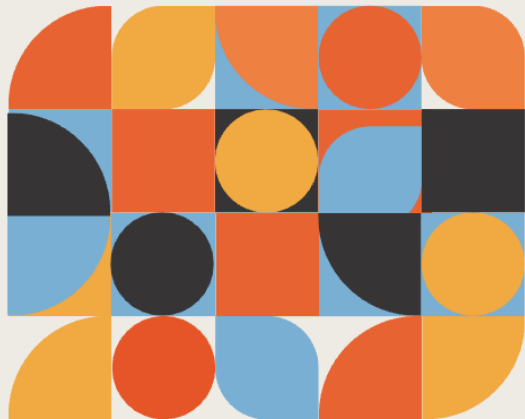
O repertório carnavalesco de Vera Cavalcanti começou a ser construído na sua infância, na zona rural de Garanhuns. Mas em um dado momento, na sua juventude, continuou a ser moldado no carnaval de Recife e Olinda, quando se mudou para o centro do Recife, por ter passado no vestibular e para cursar Comunicação Visual. A casa, que dividia com suas irmãs, se tornou “um point” de encontro dos amigos que, depois do Galo da Madrugada, faziam uma parada estratégica para comer uma feijoada que elas preparavam. Vera relembra que, como era uma casa que não tinha pai e nem mãe, ela, suas irmãs e seus amigos eram os “donos do pedaço”. Depois, quando morar no Recife já não “era tão legal”, acabaram alugando uma casa na cidade de Olinda. E levaram o costume de fazer a feijoada no Carnaval junto. Tornou-se uma tradição e “vinham amigos do Ceará, do Piauí e a casa ficava com 40 pessoas.”

Com as irmãs, Vera não só dividia a casa, mas também as ideias e o entusiasmo para fazer fantasias. Elas se inspiraram juntas e, mesmo que cada uma confeccionasse a sua individualmente, a decisão final era em conjunto. A decisão de criar uma fantasia também vinha em comum acordo, “cada uma que tivesse uma imaginação mais louca que a outra”, Vera recorda. Em um ano, na década de 80, se decidiram pelo “pastoril”, com brilho e cetim, “e naquela época não tinha esses adereços comprados prontos”, então, nossa foliã fazia as “estrelinhas brilhosas” e tudo o mais que precisasse ser feito para incrementar a fantasia. (Ver Figura 4)

Nesse sentido, Vera rememora que, mesmo sem ter máquina de costura em casa, e embora soubesse costurar numa, por ser algo que no interior se aprende com a mãe, ela sempre fazia suas fantasias, sempre usando, e às vezes misturando, materiais como chita e cetim: “eu faço, eu imagino, faço rápido, mesmo que mal-feito, que no carnaval ninguém vai ver detalhes de alta costura”. (Ver Figura 3 e Figura 5) Quanto a isso, ainda relembra uma história curiosa:

Minha mãe teve aquela máquina Singer, de pé, não sei se você saca. É aquela máquina de pé, que não era elétrica e botava uma correia e tinha um pedal. Eu queria muito aprender a costurar, mas eu era muito pequena, morava no sítio e ela não ensinava. Eu aproveitei que ela deu uma bobeira, aí deixou a máquina lá, eu fui, me sentei, fui costurar. Quando eu fui botar o dedo assim, para o tecido ir, o dedo foi junto, a agulha pegou entrou na unha e saiu do outro lado então eu fiquei com o dedo lá colado. Aí eu disse meu Deus eu não sei se eu vou apanhar porque eu fiz isso, rs [ou se eu vou ser socorrida] Então a minha primeira experiência com a máquina de costura foi assim, pegando escondido e sendo furada, rs. (Vera CAVALCANTI, 2024)





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

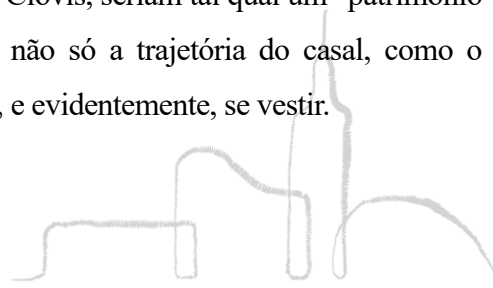
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

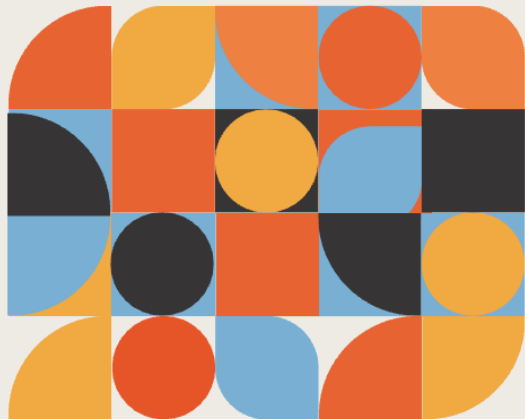
Tudo era feito confeccionado por Vera até a década de 1990. Uma de suas memórias, de quando era estagiária na TV Universitária, foi de ter sido convidada para o Baile Municipal e de pensar “meu Deus, eu não vou comprar uma fantasia no Mercado de São José” ao mesmo tempo em que precisaria de uma fantasia mais elaborada em razão da ocasião. Ela notou três cortinas coloridas de cetim em um cenário, percebeu que estavam “velhas e estragadas”, mas que dariam uma “baiana”. Dito e feito: Vera as levou para casa, costurou muito babado no cetim, e mais tarde foi ao baile fantasiada de baiana.

O Mercado São José e seu entorno, na cidade do Recife, “que a gente chama de vuco-vuco”, fornecia todo o material necessário para a costura de cada fantasia. Quando não, Vera lembra que por mais que não fizesse literalmente suas peças, escolhia os adereços e fazia as combinações. O pré-requisito era que ao menos essas peças compradas fossem feitas com mão de obra local, de artesãos locais. Quando era elogiada pela beleza da fantasia, e questionada se tinha feito, sua resposta era “Quase. Eu soube escolher. Tem que saber escolher”.

As inspirações vinham da observação de outras fantasias, cujos temas tinham raízes regionais, “como o cavalo marinho, o boi”, ou ainda lhe pareciam temas políticos, “de protesto”, que tinha a ver com “uma mensagem de protesto, no que tá acontecendo no momento de cada ano”. O “Bloco Eu Acho É Pouco” pode ser esse exemplo de “protesto” que ultrapassa até mesmo a questão das vestes de folia, e traz em seu nome o seu manifesto, pois “foi criado por um grupo de amigos que havia se juntado para curtir a folia e criticar a ditadura militar em vigor no Brasil”. O bloco é mencionado por Vera como um dos cortejos em que ela e seu companheiro saíam e ainda saem no carnaval, sobretudo pela relação de amizade que há entre Clóvis com o seu fundador, Ivaldevan Calheiros.

Com o passar dos anos, se por um lado, Vera diminuiu “o pique de antes”, por outro, o sentimento de amante continua. Ela faz questão de lembrar que Clóvis brinca na folia de momo desde a década de 1940. E a cada celebração há uma infinidade de histórias para contar. Tanto que ela, e o seu companheiro Clóvis, seriam tal qual um “patrimônio material” do carnaval em Pernambuco. Logo, essas histórias acompanham não só a trajetória do casal, como o desenvolvimento dos costumes, do próprio carnaval e das formas de se brincar, e evidentemente, se vestir.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

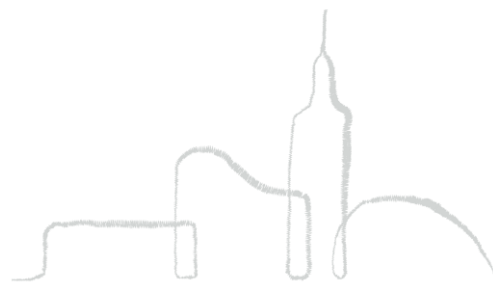
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

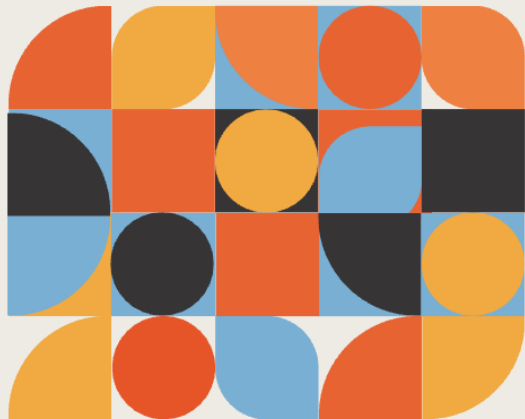
Por exemplo, uma diferença entre a fantasia para se brincar na rua e aquela para se usar em clubes, “no chamado Carnaval de Salão”, Vera observa que existiu mais nas décadas de 70 e 80, “quando uma mulher botava um short” para ir em um bloco de rua, “a gente levava muita dedada” ela comenta. Ao passo que “no [Clube] Português”, ela lembra de ver “muitas meninas” em cima de elevações, como mesas, cadeiras, e com “roupas mais sensuais”. Porém, se essas mulheres fossem para “o carnaval de Olinda, ou para o QG do frevo na Praça do Diário, ela saía com hematoma de tanta dedada”.

Essa é uma questão de “respeito”, que evidentemente passa pela implementação de políticas públicas de combate à violência contra mulher, notada por Vera na sua experiência enquanto folião. “A fantasia sensual entrou nas ruas de Olinda e do Recife, e há alguns anos não entrava” é a sua observação. E ela própria relata que se permitiu “ser sexy” recentemente, após alguns carnavais passando calor com uma fantasia de manga comprida, luva, meia:

[...] todo domingo de carnaval a gente sai de Saci, é praxe. Anos e anos a gente sai, porque tem o bloco Enquanto Isso na Sala de Justiça, que é de herói. Aí a gente, como bom regionalista: qual é o herói brasileiro? O Saci. Então todo ano a gente vai de Saci, e eu já estava cansada de todo ano a mesma fantasia, e eu não gosto de repetir nada, mas todo ano tem que sair de Saci. Aí eu botava Saci com uma peruca mais ouriçada do que meu cabelo, e eu botava uma blusa aqui [comprida] botava luva, mas era ruim de tirar fotografia, [...] Mas aí voltando: eu ganhei da minha sobrinha um maiô preto, bem sensual, que tava muito pequeno pra ela, e eu magrinha assim, aí eu ‘sabe de uma coisa? O Saci agora vai ser sexy’. Aí botei o maiô, botei a meia preta [...] (Vera CAVALCANTI, 2024)

Resultado: foi elogiada por uma amiga e despertou ciúmes em Clóvis, o que foi resolvido pelas brincadeiras e descontração do próprio período carnavalesco. Porque a roupa, segundo Vera, “veio para dar autoestima”. E foi preciso um espaço de 15 anos para que ela se permitisse, mesmo sendo uma “amante” do carnaval, ousar na sua fantasia. Decerto porque a moda do período lhe permitia também este feito. (Ver Figura 6)





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Figura 3 - Vera, de passista (fantasia feita por ela) e seu amigo Djalma, fantasiado de índio, na R. do Amparo, na cidade de Olinda.
Ano: 1988.

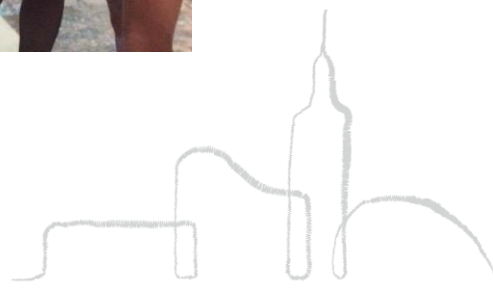


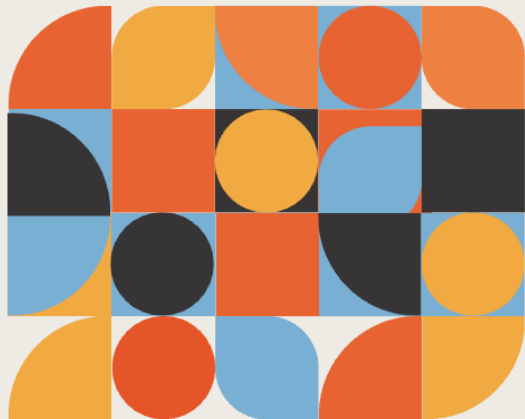
Fonte: Acervo da Entrevistada

Figura 4 - Vera e suas irmãs Mazé e Verônica. Do lado direito: fantasiadas de chacetes. Década de 1990.



Fonte: Acervo da entrevistada





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Figura 5 - Vera e sua irmã Mazé. A roupa em homenagem a Chico Science, no ano do seu falecimento. Ele faleceu em 02 de fevereiro de 1997. Naquele ano o carnaval foi em 11 de fevereiro.



Fonte: Acervo da entrevistada

Figura 6 -Vera e Clóvis de Saci. Direita: Março de 2011. Esquerda: Fevereiro de 2024.



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/raiosdeluz/5504242279/in/album-72157626036433893>



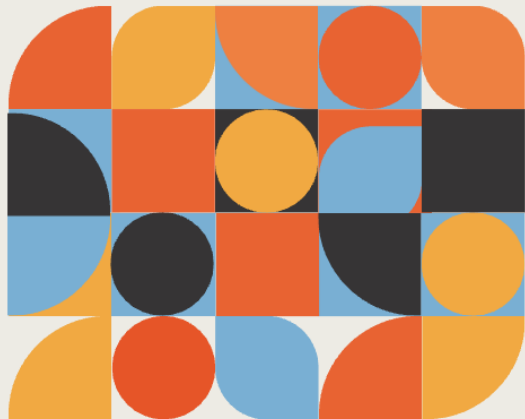


Figura 7 - Fotografia que ilustra a poesia Fim de Festa, assinada por Vera. Fevereiro de 2009.

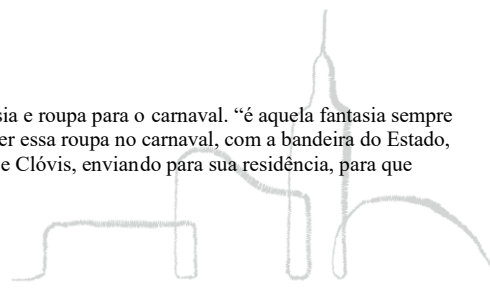


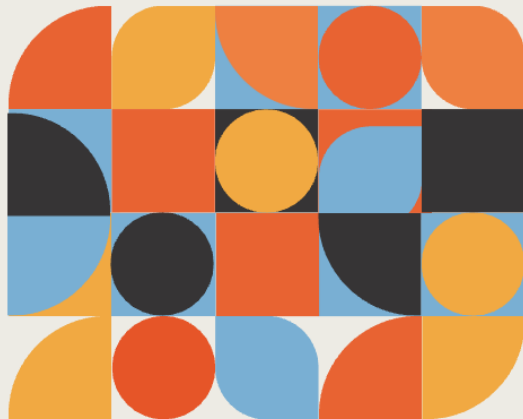
Fonte: <https://www.flickr.com/photos/raiosdeluz/3307463249/in/album-72157613956647316>

Fim de Festa.

Tomamos por empréstimo o título do poema da nossa foliã, para começarmos as nossas considerações finais. (Ver Figura 7) Que, como o título do artigo indica, são na verdade considerações introdutórias, iniciais. O carnaval é, por si só, um universo, “a velha festa coletiva universal [...] fenômeno tão representativo da cultura nacional” brasileira (TINHORÃO apud SILVA, 2019, p. 15). A moda, por sua vez, é outra inesgotável fonte de histórias e complexidades. E quando falamos em memória, individual e coletiva, quanto não poderíamos pesquisar, ouvir e escrever sobre esses dois temas, moda e carnaval? Moda e carnaval em Pernambuco. Talvez o único Estado onde a bandeira seja fantasia recorrente no imaginário de cada um, “no adereço, na sandália ou na roupa” da Rafa Que Faz.⁹

⁹ Vera fez essa observação ao ser perguntada sobre o que tinha de diferente em Pernambuco em termos de fantasia e roupa para o carnaval. “é aquela fantasia sempre com a bandeira de Pernambuco.” Ademais, ela também citou a Rafa Que Faz como uma marca que, além de fazer essa roupa no carnaval, com a bandeira do Estado, prestou um serviço de assessoria “maravilhoso”, fazendo máscaras e as roupas estampadas sob medida, para ela e Clóvis, enviando para sua residência, para que fizessem sua festa em casa.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Ainda por empréstimo, citamos as palavras de Real (1990, p. 141-142) que diz “este trabalho é apenas uma primeira tentativa - uma ‘primeira aproximação’ a interpretar e englobar o vasto panorama do carnaval popular pernambucano”, para dizermos nós mesmos, que este artigo buscou uma introdução, que precisa de aprofundamento para o seu desenvolvimento e continuidade. As memórias de Vera, por si só, não dão conta de abarcar as modas passadas do carnaval em Pernambuco, entretanto, suas lembranças contribuem significativamente para o contar parte dessa história.

Assim, quando o carnaval acaba, Vera já não precisa pensar com que fantasia ir. Seus versos falam por si: “Vesti tantas camisas/ beijei tantos amigos/ abracei mais ainda/ sorri demais/ Fiz caras e bocas”. As fantasias, que ficam guardadas o ano todo, são liberadas no carnaval, estendidas no varal, e depois ficam num cômodo, penduradas, visíveis, daí a sequência dos versos: “Tiramos a fantasia do teto/ vestimos, suamos, dançamos/ jogamos no chão/ acabou!/ amanhã/ recolhe tudo/ quarta-feira de cinzas”. No entanto, para quem ama o festejo, o fim da festa é uma pausa para o recomeço. “Ah!/ já me veio inspiração/ para uma nova fantasia...”

Referências

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editoria, 2003.

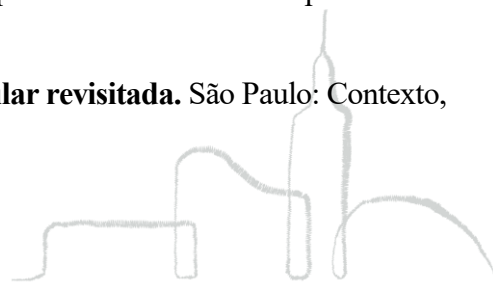
HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

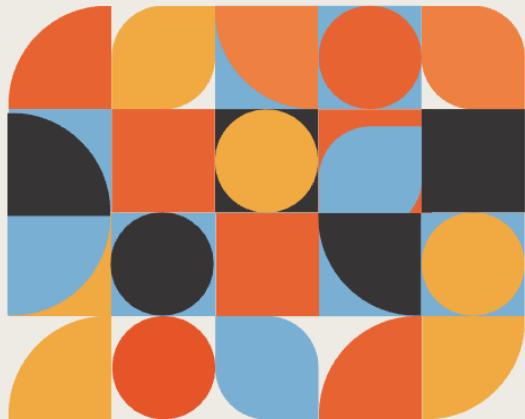
JUNIOR, Rubens Lopes. **O carnaval como manifestação popular: Um paralelo entre a concepção beltraniana de carnaval em Recife e Olinda e o surgimento do carnaval carioca**. Revista Internacional de Folkcomunicação, v. 17, n. 39, p. 181-196, 2019. Disponível em <<https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/2374>> Acesso: 20 de dez. 2024.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. – 2.ed., São Paulo: Contexto, 2013.

MERLO, Marcia; BRANDÃO, Romário. **Fotografia: Traços da História, da Memória e da Moda**. ModaPalavra e-periódico, n. 12, p. 111-126, 2013. Disponível em <<https://www.redalyc.org/pdf/5140/514051625007.pdf>> Acesso: 10 de nov. 2024.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 2010.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

MUZZARELLI, Maria Giuseppina. **Um outro par de mangas; Estudar a Moda: corpos, vestuários, estratégias.** / Paulo Sorcinelli (org.); Renato Ambrósio, tradutor. - São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

REAL, Katarina. **O folclore no carnaval do Recife.** 2. ed. rev. e aum. - Recife: FUNDAJ, Editora Massagana, 1990.

RIELLO, Giorgio. **História da Moda: da Idade Média aos nossos dias.** Lisboa: Texto & Grafia, 2013.

SCOTT, Joan. **História das mulheres; A escrita da história: novas perspectivas.** / Peter Burke (org.) - São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SILVA, Leonardo Dantas. **Carnaval do Recife.** Recife: Cepe, 2019.

SILVA, Lucas Victor. **O carnaval na cadência dos sentidos: uma história sobre as representações das folias do Recife entre 1910 e 1940.** Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009. Disponível em <https://www.academia.edu/download/81157820/Versao_digital_tese_Lucas_Victor_Silva.pdf> Acesso: 20 de dez. 2024.

SORCINELLI, Paulo. **Estudar a Moda: corpos, vestuários, estratégias.** / Paulo Sorcinelli, organizador; Renato Ambrósio, tradutor. - São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

SVENDSEN, Lars. **Moda: uma filosofia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

VIDAL, Francisco Mateus C.; ANDRADE, E. L. **Civilizar para carnavalizar: propostas de um carnaval moderno em Pernambuco (1935-1985).** Simpósio Internacional Processo Civilizador, 2009. Disponível em <https://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais12/artigos/pdfs/comunicacoes/C_Vidal.pdf> Acesso: 20 de dez. 2024.

